



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p123-137>

## Fundamentalismo religioso e político na pandemia: “é isso mesmo”, “e daí?”

*Religious and political fundamentalism in the pandemic: “that is it”, “so what?”*

Catiane Souza\*  
Priscila Chéquer\*\*

### Resumo

O principal objetivo deste artigo é discutir sobre o fundamentalismo religioso enquanto emblema de posições políticas durante o período da pandemia no contexto brasileiro. Nesse intuito, inicialmente apresentamos a compreensão do fundamentalismo religioso, comentando os efeitos de sentidos que circulam em plataformas midiáticas do Brasil. Na sequência, analisamos um pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro. Para isso, nos apropriamos da noção de Formações Imaginárias, conceito teórico/analítico da Análise do Discurso da escola francesa. No terceiro item do artigo, ressaltamos os mecanismos que significam a ciência e a mídia como inimigas, sobretudo, em plena pandemia da COVID-19. No último item de discussão, refletimos sobre a circulação midiática de *fake news* que sustentam valores do fundamentalismo político-religioso. A aceleração da capacidade de circulação midiática, no cenário político de negacionismo científico, desvalorização da imprensa e imposição dos valores ultra tradicionais, destaca novos aspectos dos discursos fundamentalistas que contribuem para a ascensão e manutenção de um governo com tendência ao autoritarismo. Por fim, destacamos as reverberações sobre mídia e ciência identificadas nesse breve estudo como alvo de maior descrédito entre parcelas dos evangélicos e dos católicos.

**Palavras-chave:** Fundamentalismo. Religião. Mídia. Política. Pandemia.

---

\* Professora do Departamento de Linguagens do Instituto Federal da Bahia - Campus Salvador. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2004); Especialista em Língua Portuguesa (UESB), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FACE); Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2012). Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia (2017). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6814-1307>. Contato: catirochapassos@gmail.com.

\*\* Professora Assistente do curso de Comunicação Social (Rádio, TV e Internet) na UESC. Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA). Pesquisadora do CEPAD/UFBA e do GOCC/UESC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1099-0138>. Contato: priscilachequer@gmail.com.



### **Abstract**

*The main objective of this article is to discuss religious fundamentalism as an emblem of political positions during the pandemic period in the Brazilian context. In this regard, we initially presented the understanding of religious fundamentalism, commenting on the effects of meanings that circulate in Brazilian media platforms. Following this, we analyzed a statement by President Jair Bolsonaro. For this, we appropriated the notion of imaginary formations, a theoretical/analytical concept of the French School's Discourse Analysis. In the third item of the article, we highlight the mechanisms that turn science and the media as enemies, above all, in the middle of the Covid-19 pandemic. In the last item of discussion, we reflected on the media circulation of fake news that support values of political-religious fundamentalism. The acceleration of the capacity of media circulation, in the political scenario of scientific denialism, devaluation of the press and imposition of ultra traditional values, highlights new aspects of fundamentalist discourses that contribute to the rise and maintenance of a government with a tendency towards authoritarianism. Finally, we highlight the reverberations on media and science identified in this brief study as the target of greater discredit among parcels of Evangelicals and Catholics.*

**Keywords:** *Fundamentalism. Religion. Media. Policy. Pandemic.*

## Fundamentalismo: inversão religiosa e a naturalização do ódio

O Cristianismo brasileiro nos últimos anos tem demonstrado um expressivo crescimento de práticas e discursos de apoio e valorização do ultra tradicionalismo que refletem um pensamento fundamentalista, sobretudo, tensionando a dicotomia razão/fé.

Resquícios do Cristianismo medieval vêm à tona em meio às grandes crises ao longo da história. Práticas tradicionais como a mercantilização da fé, quer dizer, a objetivação da crença para fins lucrativos, nunca foram abolidas, embora recentemente haja uma pressão da sociedade para que se camuflem em novos modelos de comercialização, como a proliferação do comércio de produtos e serviços religiosos autorizados pela consciência social moralizada.

Sem nenhuma demonstração do interesse de camuflagem, durante a pandemia do COVID-19 no Brasil, um vídeo circulou nas redes digitais no qual o pastor Valdemiro Santiago (líder da Igreja Mundial do Poder de Deus), anuncia o comércio de sementes milagrosas de feijões pelo valor de R\$ 1.000,00 (mil reais). O Ministério Público Federal de São Paulo denunciou o religioso por possível crime de estelionato.

Quando se trata de representante do neopentecostalismo midiático parece que é de se esperar manifestações do tipo medievais. Entretanto, quando esse tipo de manifestação parte de igrejas de correntes do protestantismo clássico como batistas e presbiterianas se faz necessário observar a emergência dessas manifestações. Foi o caso do Manifesto da entidade Coalização pelo Evangelho, intitulado "Pela Pacificação da Nação em Meio à Pandemia"<sup>1</sup>, publicado em 04 de maio de 2020, onde aparece: "A mídia claramente não goza da credibilidade que outrora desfrutava. Testemunhamos nesses dias, até mesmo, a triste politização e endeusamento da ciência." O manifesto, assinado por líderes de seminários teológicos, de igrejas batistas e presbiterianas circulou por diversas plataformas midiáticas que destacaram os dois grandes alvos da crítica da entidade: suposta queda da credibilidade da mídia e a "politização e endeusamento da ciência."

Vale destacar o contexto em que surgem essas manifestações: o cenário pandêmico da Covid-19 quando o isolamento social é propagado como mecanismo de prevenção sendo o gerador de diversas situações conflituosas, sobretudo, para as igrejas que praticamente sobrevivem da aglomeração de fiéis. Nesse contexto temos as notícias de diversas resistências ao isolamento: na Coreia do Sul onde o Pr. Lee Man-hee (líder da Igreja Shincheonji) manteve a realização dos cultos com milhares de pessoas sendo acusado por contaminar 73% dos casos no país<sup>2</sup>; no Brasil, o pastor Silas Malafaia publicou em 23 de março de 2020 no Youtube o vídeo intitulado "Coronavírus! Querem fechar as igrejas que sou pastor? Recorram à justiça!". Dois dias após o vídeo polêmico do pastor, o Presidente da República Jair Bolsonaro publicou o Decreto 10.292, de 25 de março de 2020, incluindo atividades religiosas de qualquer natureza como atividades essenciais para pleno funcionamento no período da pandemia.

O Decreto serviu apenas para reafirmar a imagem do Presidente perante a Frente Parlamentar Evangélica e grande parte de seus apoiadores, sobretudo religiosos, pois governadores e prefeitos ganharam a prerrogativa sobre o funcionamento dos serviços nos territórios de suas responsabilidades,

<sup>1</sup> PELA Pacificação da Nação em Meio à Pandemia. *Coalizão pelo evangelho*, 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

<sup>2</sup> SEITA responde por 73% de casos de Coronavírus da Coreia do Sul. *Veja*, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/seita-responde-por-73-de-casos-de-coronavirus-da-coreia-do-sul/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

a partir de ação do Supremo Tribunal Federal (STF) deliberada em 15/04/2020. O lobby político evidenciado pelo Decreto 10.292 condiz com todas as atitudes e declarações de Jair Bolsonaro desde o início da crise sanitária no país: contrário ao isolamento social, contrário às medidas de prevenção aplicadas nos estados e municípios que seguiram orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A crise sanitária no Brasil acentuou a ascensão do pensamento fundamentalista que vem ganhando visibilidade desde às manifestações de rua em 2013 em oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Desde então, um somatório de discursos moralistas, sobretudo fundamentados por expressões religiosas ultraconservadoras, fortaleceram a emergência de um governo com tendências antidemocráticas, que faz oposição à mídia e à ciência, anunciadas como inimigas do governo e da nação.

Nos últimos dias, mais do que antes, a mídia tem sido alvo de ataques, tanto emissoras como profissionais da comunicação são ameaçados e boicotados, inclusive pelos seguidores e apoiadores do governo que se sentem autorizados a perseguir e agredir os representantes da imprensa. Além dos ataques diretos a empresas e pessoas, a proliferação de *fake news* gera um clima de queda da credibilidade em relação às mídias. Campanhas contra a disseminação de notícias falsas estão sendo propagadas, sobretudo, incentivadas pelo Supremo Tribunal Federal que investiga uma suposta organização do próprio governo, apelidada de “Gabinete do ódio”, responsável por criar e propagar ataques a adversários, inclusive a ministros do STF.

Além dos ataques aos opositores do governo, um dos assuntos mais disseminados pela onda de desinformação midiática são de receitas milagrosas e de deslegitimação das orientações da OMS, gerando incertezas e descaso em relação às medidas preventivas necessárias ao combate do vírus. Medicamentos sem nenhuma eficácia comprovada cientificamente são anunciados como efetivos no tratamento da COVID-19, algumas pessoas chegam a acreditar que a falta de comprovação científica desses tratamentos é uma espécie de boicote ao governo. Assim, consolida-se o discurso de “politização da ciência”, principalmente, entre os fundamentalistas apoiadores do Presidente. Ora a ciência aparece como partidária, ora como “endeusada”, nesse último, propaga-se um tipo de desafio de fé. Como se o vírus afetasse apenas os duvidosos, ou infiéis. E como se o vírus fosse um sinal da falta de fé verdadeira, um castigo divino, conclamando os “verdadeiros” cristãos para um retorno ao sagrado. E assim, a velha dicotomia fé versus ciência reacende práticas e discursos ultra tradicionais em pleno século XXI.

Todos esses discursos e práticas aludidos até aqui nos levam à percepção de que são fundamentalistas, pois, buscam impor seus interesses pela força física e/ou simbólica subjugando o resto da sociedade a valores, sobretudo, religiosos. Além disso, há uma tendência a homogeneizar as demais expressões culturais e sociais a partir de um determinado sistema de valores religiosos. Nessa conjuntura, no Brasil, o pensamento fundamentalista ganhou força pela ocupação de cargos eletivos e públicos por representantes dessa linha de pensamento, cujos discursos ultra tradicionais defendem o desejo de transformar o país numa espécie de Estado teocrático. Nesse aspecto, trata-se de fundamentalismo político-religioso. Neste artigo, nos embasamos no conceito de fundamentalismo religioso apresentado por Carranza:

Embora mais adiante deva ser objeto de análise, basta por hora registrar que o *fundamentalismo religioso* é uma forma unívoca de ver e sentir o mundo a partir de determinada maneira de entender a experiência do sagrado, da teologia, da religião. O olhar fundamentalista divide o mundo em dois: sagrado-profano, bem-mal, certo-errado, levando a excluir física e/ou simbolicamente a todo aquele que ameaça essa compreensão ou não pense e sinta dessa maneira. É o dualismo que impregna a concepção da vida do indivíduo, do grupo e do movimento fundamentalista, não aceitando meio-termo ou outras formas de moral e tradição. (CARRANZA, 2008, p. 150)

Por não aceitar o meio-termo ou outras formas de moral e tradição, o pensamento fundamentalista desconfigura toda e qualquer noção de laicidade e de respeito a outras religiões. No Brasil, o fundamentalismo cristão se revela, nos últimos anos, em ataques e ofensas às religiões de matrizes africanas, ataques aos ativistas de direitos civis, inclusive incentivando violência, discriminação e até conflitos armados. Podemos dizer que o fundamentalismo se faz presente em praticamente todas as expressões religiosas, entretanto, não é um fenômeno religioso em si, mas sim gestado pelo ódio instaurado talvez pela repressão e recalque embutidos pelo fiel. No entanto, o mais perigoso disso tudo é a naturalização do ódio, quando a aceitação do pensamento fundamentalista assombra.

A indiferença moral diante da violência é compreendida como um grave problema ao longo da história. Em “Modernidade e Holocausto”, Bauman (1998) cita três condições da indiferença moral: (1) a violência passa a ser autorizada por instituições e pelo próprio Estado; (2) a desumanização das vítimas da violência por questões ideológicas; (3) o disciplinamento que suprime a própria identidade (auto sacrifício). Nessa obra, o sociólogo faz uma reflexão do modo como a apropriação da indiferença moral pelo regime nazista se operou com a utilização de um formidável aparato da indústria, transporte, ciência, burocracia e tecnologia. Nesse sentido, a indiferença moral alimentada pelo fundamentalismo político-religioso opera como a gestação do “ovo da serpente”<sup>3</sup> na sociedade brasileira.

### **Messias na pandemia: “E daí?”**

O projeto de retirada da esquerda dos centros de poder do país encontrou um forte aporte nos projetos políticos das instituições evangélicas, sobretudo da IURD e das Assembleias de Deus. Esses projetos operam de modo a utilizar pautas conservadoras da moral evangélica para a projeção de candidatos, inclusive de candidatos com histórico e discursos que fogem a esta moral.

Especificamente, no caso da eleição de Jair Bolsonaro para o cargo de Presidente da República, dois episódios bastante simbólicos eclodiram a efervescência do apoio dos cristãos conservadores: o primeiro foi o batismo em 2016 do então deputado federal Jair Bolsonaro (PSC) no Rio Jordão (Israel) pelo Pr. Everaldo da Assembleia de Deus (Líder do PSC e candidato à Presidência da República em 2014). Embora o deputado continuasse a afirmar-se católico, a ocorrência do batismo foi vista com bons olhos e até comemorada por pastores e fiéis evangélicos. No entanto, observa-se que esse rito não trata de uma conversão denominacional, mas se configura dentro da conceituação da Teologia da Moralidade, para assegurar o voto dos fiéis buscando convencê-los através da máxima: “irmão vota em irmão”<sup>4</sup>:

Enfim, a noção de Teologia da Moralidade não diz respeito ao asceticismo imposto aos frequentadores dos templos, mas ao tipo de fundamentalismo moral que se postula, sobretudo, nas mídias digitais como o ideal de vida para toda a sociedade e pelo qual se deve lutar. Essa teologia foi se constituindo com maior expressividade a partir dos anos 2000 com o acirramento da midiaticização na sociedade e na religião. À luz dessa teologia, textos bíblicos são interpretados e projetos são executados, por exemplo, todo o processo de inserção pentecostal no campo político brasileiro se embasa nessa fundamentação moral. É um tipo de teologia que apresenta alguns elementos característicos na formação discursiva pentecostal: ênfase na crise moral

---

3 Metáfora de um filme de Ingmar Bergman que representa o lento envenenamento da sociedade pelo nazismo na Alemanha dos anos 1920.

4 “Irmão vota em irmão” é um livro do assembleiano Josué Silvestre (Brasília: Pergaminho, 1986) citado no “Manual de orientação política para ministros” das ADs criado pelo Conselho Político da CGADB em 2001.

contemporânea, preocupação maior com a moralização da sociedade do que com o evangelismo e apagamento da mensagem escatológica diante das “imoralidades”. Seria uma contradição pregar a crise moral como sinal bíblico da volta iminente do Messias, enquanto os políticos se promovem como “eleitos de Deus” para transformar da sociedade. (SOUZA, 2017, p. 149).

Assim, o batismo como um rito prenhe da Teologia da Moralidade assegurou legitimação ao pré-candidato. Esse rito garantiu os votos da maioria dos fiéis, tanto das Assembleias de Deus quanto de inúmeras denominações originárias da mesma fonte teológica pentecostal.

O segundo episódio bastante simbólico para os cristãos conservadores, não só evangélicos, mas também cristãos católicos, foi a facada e, conseqüentemente, o processo de recuperação do então candidato à presidência em plena campanha. Tal episódio foi, muitas vezes, interpretado como martírio, fruto da perseguição sofrida pelos verdadeiros escolhidos de Deus. A perseguição religiosa é compreendida como evidência do verdadeiro Cristianismo. A memória da perseguição aos primeiros cristãos é recorrentemente acionada na interpretação de fatos atuais envolvendo evangélicos: “A teologia de um Deus Guerreiro e Belicoso sempre esteve presente na formação fundamentalista dos evangélicos brasileiros, compondo o seu imaginário e criando a necessidade da identificação de inimigos a serem combatidos” (CUNHA, 2017, p. 118). Atualmente, a perseguição, por diversas vezes, é argumento para justificar a politização religiosa. Os dois episódios bastante simbólicos fortaleceram a figura do candidato Jair Bolsonaro, associada ao messianismo do catolicismo popular e do pentecostalismo, cujos seguidores se aproximam na defesa de pautas moralistas conservadoras. Arelados aos aspectos da religiosidade cristã, não podemos deixar de destacar o culto à personalidade na cultura brasileira:

Não são as instituições, não é a autoridade que se respeita, seja qual for o indivíduo em que ela se instalou; mas os personagens que detêm o poder ou se agitam no cenário político, envolvendo-se numa auréola de prestígio (...); desconfiado e irreverente, enamorado do acontecimento e da sensação, o brasileiro manifesta, nessa atitude, um interesse quase espetacular pela força atuante dos tipos representativos e um constante esforço para despojar das fisionomias reais, humanas, a que às vezes tenta prender-se, a máscara fascinadora de predestinados (AZEVEDO, 2010, p. 251).

Nesse sentido, ter sobrenome de Messias praticamente surtiu o efeito de sentido de salvador na consciência religiosa conservadora, predestinado a livrar a nação da corrupção e da depravação sexual. Diante dessa conjuntura mística, os argumentos racionais para não eleger o Messias perderam audiência e eficácia, todas as evidências de incapacidade governamental, de aproximação com o fascismo e com a corrupção tornaram-se mudas e silenciadas<sup>5</sup>.

Um episódio mais recente em que o termo “Messias” volta à cena discursiva, trata-se da declaração do Presidente Jair Bolsonaro no dia 28 de abril de 2020 quando interrogado por jornalistas sobre o número de óbitos no Brasil por COVID-19 ter ultrapassado, naquela data, o número de mortes na China. A transcrição publicada em diversos jornais foi: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.

O termo “Messias”, nesse contexto, reativa à memória discursiva de todos os efeitos místicos criados na campanha eleitoral, mas nessas novas condições de produção foi utilizado para negar e enfatizar sua condição terrena. Ao mesmo tempo em que nega, atribui ao Divino a responsabilidade e culpa sobre as mortes, pois somente o sagrado pode operar milagres. Assim, se isenta da responsabilidade por quaisquer medidas de prevenção ou de remediação diante do quadro endêmico

---

5 Conforme o conceito de Orlandi (2007, p. 102): “(...) o silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso”.

do país, relegando o cenário à mercê de forças sobrenaturais. Nesse sentido, esses dizeres, em boa medida, naturalizam o grave problema e o associam aos discursos escatológicos bastante difundidos nas correntes conservadoras do Cristianismo. Acredita-se que é um problema sem solução pela sociedade, ora castigo divino, ora sinal apocalíptico.

A expressão “E daí?”, bastante popular, significa indiferença, referência à coisa que não tem importância. Na sua forma interrogativa é usada, em geral, como resposta grosseira para determinados comentários. Revela total descaso em relação ao assunto e reacende as discussões em torno de seu grande despreparo, tanto no campo técnico/científico quanto no campo ético, considerando o lugar que ocupa na hierarquia política do país.

Na sequência, a frase “Quer que eu faça o quê?”, direcionada a jornalistas que questionavam dados oficiais de óbitos, relaciona-se às condições de produção, nas quais os interlocutores, ao denuncia-las, fazem-se porta-vozes dos interesses do grupo ao qual se encontram filiados ideologicamente. O sentido do seu dizer é dependente da sua inscrição ideológica, do lugar histórico-social de onde enuncia. Esses lugares, ocupados pelos sujeitos na estrutura social, são representados nos processos discursivos por uma série de formações imaginárias, apresentadas por Pêcheux (1997) a partir do quadro que reproduzimos abaixo:

**Quadro 1 – Formações Imaginárias**

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
IA(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
IA(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
IB(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
IB(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”
IA(R)	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
IB(R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: PÊCHEUX (1997, p. 83-84).

Esses lugares designam, assim, a imagem que os interlocutores fazem de si, do outro e do referente e implicam relações de forças entre os interlocutores e relações de sentidos entre os discursos. O sujeito

[...] está, pois, bem ou mal, situado no interior da **relação de forças** existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa em relação ao que diz (PÊCHEUX, 1997, p.77, grifo do autor).

Considerando as relações de força, a posição do orador na declaração de Bolsonaro e do interlocutor imediato (jornalistas), destacam-se as formações imaginárias estabelecidas: “Quem sou eu para lhe falar assim?” – Messias eleito pelo povo. “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” – Inimigos. “Quem sou eu para que ele me fale assim?” – Presidente da República. “Quem é ele para que me fale assim?” – Jornalistas (mídia). “De que lhe falo assim?” – Do divino para silenciar a razão (Estado e Ciência). “De que ele me fala assim?” – Das mortes provocadas pela Covid-19 no Brasil.

Da relação de forças que é possível observar na breve análise da declaração, dois pontos se destacam: a demonização da mídia e a negação da razão. Tanto um quanto o outro tem raízes no pensamento fundamentalista, em suposta defesa de uma verdade, na qual se propaga a crença de que a fé se opõe à ciência, também a crença na existência de uma espécie de “guerra espiritual” entre mídia e cristãos. Crenças que se modificam, mas perduram ao longo do tempo.

### Criando inimigos: das ciências às mídias

Os desenvolvimentos tecnológicos e científicos promoveram incredibilidade em relação a fenômenos religiosos, sobretudo o misticismo, a partir do Iluminismo, mas no século XX não foram obstáculos para a viabilidade de aspectos que permitem e até incentivam a retomada de manifestações arcaicas: “Um século que parecia feito de revoluções sociais e culturais acabou dominado por religiões, messias e salvadores” [Tradução nossa]<sup>6</sup> (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 33). No cenário social das duas primeiras décadas do século XXI, especificamente no Brasil, com retorno a manifestações ultra tradicionais, o fundamentalismo religioso poderia ser compreendido como uma espécie de reação ao processo conceituado por Weber de desencantamento do mundo: “O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo ‘desencantamento do mundo’” (WEBER, 1982, p. 182).

Entretanto, a ascensão de discursos religiosos medievais no cenário brasileiro atual não se apresenta como reação ao processo de desencantamento do mundo. Em geral, tais manifestações relacionam-se aos projetos políticos-ideológicos que, sobretudo, têm aporte no propósito da manutenção do sistema econômico-político-social-cultural neoliberal, uma plataforma empenhada em governo mínimo, fundamentalismo de mercado, individualismo econômico e autoritarismo moral (SODRÉ, 2011, p. 14). Nesse sentido, as manifestações do fundamentalismo religioso no Brasil estão a serviço do desencantamento do mundo, na medida em que se trata de tendência interpelada por sistema que domina por completo o modo o ser humano, ou a pessoa interpreta a Natureza cada vez mais explorada e destruída.

---

<sup>6</sup> “Un siglo que parecía hecho de revoluciones-sociales, culturales terminó dominado por las religiones, los mesías y los salvadores” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 33).



Nesse contexto, nos últimos dias temos testemunhado crescentes manifestações da apelidada “corrente negacionista”. Os discursos que emergem dessa corrente vão desde a negação de que a terra é redonda pelos chamados “terraplanistas”, à negação da gravidade e das consequências da pandemia da COVID-19. Na conjuntura da pandemia, os “negacionistas” promovem a distribuição de notícias de “curas” milagrosas, sem comprovação médica ou científica, além de negar os mecanismos de proteção, por exemplo, são contrários ao isolamento social.

Os interesses econômicos evidentes na negação da necessidade da quarentena como medida protetiva nos fazem associar tais discursos mais aos valores políticos que propriamente aos religiosos. A aceitação e potência desses sentidos pela população em geral, não apenas pelos religiosos, se ancoram em aspectos históricos que, no Brasil, se fortalecem na atual conjuntura: antipolítica, anti-intelectualismo e moralismo. A antipolítica e o moralismo foram os grandes fatores da eleição do atual Presidente. O anti-intelectualismo no Brasil arraigado nas classes populares pela falta de acesso aos espaços de conhecimentos acadêmicos, também se faz presente nas elites econômicas, para as quais o conhecimento e o título superior não fazem diferença.

O princípio que rege a corrente negacionista é o irracionalismo fundamentado na valorização das emoções, na devoção às paixões, na recuperação de algo perdido no passado, no retorno a um sagrado que na verdade é idealizado, nunca existiu. Por isso, argumentos lógicos e científicos não funcionam contra as afirmações dos negacionistas: os indícios de que a terra é redonda são indiscutíveis, no entanto o número de terraplanistas vem aumentando no Brasil e no mundo<sup>7</sup>. Sem comprovação científica, Bolsonaro e seguidores, na ânsia de quebrar o isolamento social, defendem a cloroquina como cura da Covid-19. Superstições e jejuns são divulgados e promovidos como mecanismos de combate ao vírus.

Para além do contexto da pandemia, essas manifestações de negação da ciência fazem-nos perceber a precariedade da relação entre ciência (academia) e o conjunto da sociedade ainda hoje, embora os avanços no campo da comunicação. Esse distanciamento dos conhecimentos científicos pode ter relação com o modo como esses conhecimentos são impostos na sociedade, sobretudo, de forma autoritária, definitiva e elitizada. Como verdades únicas e estabelecidas. A comunicação acessível e a melhoria da qualidade do ensino são um dos caminhos para refutar o negacionismo, combatendo o obscurantismo no país. Nesse campo, mídia e seus agentes são imprescindíveis, mas para os fundamentalistas cristãos se o conhecimento científico não tem validade, divulgado pela mídia secular<sup>8</sup> é que não tem mesmo.

Esse descrédito à mídia secular tem raízes históricas, desde “a guerra dos panfletos” que viria a estimular grandes eventos como a Revolução Francesa. Ao mesmo tempo em que rechaça a mídia secular, o fundamentalismo religioso se utiliza da mídia para incentivar o ativismo. No início do século XX no Brasil, as publicações com caráter fundamentalista anunciavam as perseguições religiosas como batalhas próprias de uma guerra de Deus contra o mal. No meio evangélico, a crença na existência de guerra contra a mídia secular alimentou ao longo do último século o imaginário de defesa da “verdade”. Esses efeitos de sentido são argumentos para que igrejas se tornem agentes midiáticos e, paralelamente, promovam articulações no campo da política.

Nesse contexto, o fundamentalismo religioso encontrou na mídia e na política fortes aparatos em defesa de pautas moralistas, sobretudo, contra o reconhecimento dos direitos civis LGBTQs: “Desta vez, um inimigo contra a religião e seus princípios, contra a Bíblia, contra Deus, contra o Brasil e as famílias: a homossexualidade” (CUNHA, 2017, p. 119).

---

<sup>7</sup> 11 milhões de brasileiros acreditam que a Terra é plana, diz Datafolha. *Istoé*, 2020. Disponível em <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

<sup>8</sup> Aqui, consideramos mídia secular aquela não produzida pelas instituições religiosas, nem vinculadas às denominações, igrejas etc.

Mais do que o ativismo religioso, atualmente nessa “guerra santa”, a arma que vem sendo aperfeiçoada pelos fundamentalistas político-religiosos é a desinformação, usada para disseminar mentiras como verdades. Isso vem acontecendo de modo organizado e sistemático, alcançando, principalmente, a rede de religiosos que culturalmente desenvolveram o hábito de confiar nas postagens veiculadas por pessoas e agências de notícias de suas comunidades.

### ***Fake news: das eleições à pandemia***

Além de promover o descrédito da mídia, a disseminação de conteúdos falsos pode prejudicar inúmeras pessoas. Nos últimos anos no Brasil a proliferação de desinformações ganhou grande dimensão. Essa proliferação tem relação com a imagem que os sujeitos têm sobre quem fala na postagem, no caso, observa-se se é alguém reconhecido seja no campo da política, da educação, da medicina, da justiça, da religião, da arte, seja *influencer* digital, seja jornalista etc. Além disso, observa-se por onde ou por quem circulou, ou seja, quem (re)passou e/ou onde foi postado. Essas formações imaginárias baseadas mais na emotividade e na afetividade são os principais legitimadores para que uma desinformação ganhe fôlego na circulação midiática.

Estamos vivendo, no Brasil dos últimos anos, uma efervescência midiática das relações de forças político-ideológicas, cujo cenário

redesenha a plataforma de processos interacionais, principalmente o âmbito da circulação de mensagens, situando o status dos receptores de mensagens em novas condições, transformando-os em coprodutores de atividades discursivas midiáticas (FAUSTO NETO, 2011, p. 37).

Desse modo, é no âmbito da circulação que se forma a “nova ambiência”, onde os campos sociais estabelecem contratos e contatos entre si. A circulação midiática de sentidos, portanto, torna-se uma espécie de campo minado, sobretudo, num país em que grande parcela da população tem baixa escolaridade, não têm acesso aos espaços de construção crítica das informações e do conhecimento.

Na nova ambiência, os processos sociais passam a se constituir com outras lógicas de funcionamento. O sentimento religioso, nesse novo paradigma, se reconfigura: “as lógicas do vínculo social já não estão onde nós havíamos acostumado a buscá-las” [tradução nossa] (VERÓN, 2013, p. 276)<sup>9</sup>. Nessa conjuntura, fazer circular mensagens torna-se parte da batalha das relações de forças: postar e/ou repassar informações que representam a posição ideológica é mais representativo do que a própria imagem física do religioso com a Bíblia na mão indo à igreja no domingo.

Dentre vários episódios que evidenciam a proliferação das *fake news* nos dias atuais, ganha destaque o chamado “inquérito das *fake news*”, em andamento no Supremo Tribunal Federal (STF), e o combate às *fake news* pelas grandes empresas de comunicação que promovem espaço para esclarecimento a respeito de postagens, como por exemplo seções do tipo “É fato ou fake” do portal G1 da Globo.com. Desde maio de 2020, o coletivo Sleeping Giants (EUA) se instalou no Brasil com perfil no Twitter, Instagram e Facebook com o intuito de mostrar empresas com anúncios automáticos em sites que divulgam notícias falsas. Painéis de checagem de notícias também vem sendo implantados nos portais de conselhos e órgãos públicos.

Nas eleições presidenciais de 2018, observou-se no país um festival de desinformação: imagens em contextos errados; áudios com ataques a candidatos; teorias conspiratórias; fotos e capas de

---

9 “Las lógicas del vínculo social ya no están donde nos habíamos acostumbrado a buscarlas.” (VERÓN, 2013, p. 276)

revistas manipuladas ou falsas; pesquisas falsas; ataques à artistas e à imprensa; falsa checagem de notícias; postagens de ódio a LGBTQs, ao feminismo, dentre outras coisas. O site UOL publicou em 26/10/2018 uma lista das *fake news* identificadas por plataformas de checagem: “As agências de checagem Lupa e Aos Fatos e o projeto Fato ou Fake, do Grupo Globo, tiveram de desmentir pelo menos 104 “*fake news*” contra Haddad e o PT e outras 19 prejudiciais a Bolsonaro e seus aliados”<sup>10</sup>.

Muitas *fake News* citadas nessa lista atraíam a atenção para temas de interesses de cristãos, sobretudo, daqueles que têm a teologia da moralidade como princípio: mamadeiras eróticas distribuídas em creches; camiseta “Jesus é travesti” de Manuela D’Ávila; livro infantil sobre incesto; “Somos mais populares que Jesus”; Pe. Fábio de Mello a favor de Bolsonaro e contra LGBTQ’s; Manuela D’Ávila quer acabar com feriados cristãos; bandeira LGBT tremularia junto com brasileira; defesa de sexo entre pais e filhos; *kit* satânico para crianças; dentre outras.

É notória a capacidade de circulação dessas desinformações entre os cristãos conservadores. Algumas instituições cristãs inclusive manifestam a preocupação com o fenômeno promovido pelos próprios religiosos<sup>11</sup>, por exemplo, a Convenção Batista Brasileira publicou em seu *site*<sup>12</sup> o texto “Cuidado com a *fake news* gospel”, no qual aponta: “Poderia aqui citar outras dezenas de *fake news* gospel, mas, o intuito não é este e, sim, de alertar a todos contra este veneno que tem tirado a muitos do Caminho.”

Considerando essa preocupação, em outubro de 2019, surgiu o Coletivo Bereia: “uma iniciativa de organizações, profissionais, pesquisadores e estudantes de comunicação vinculados ao contexto da fé cristã.”<sup>13</sup> O objetivo do Coletivo é acompanhar plataformas de notícias *gospel*, notícias de políticos e autoridades cristãs, verificando se seus conteúdos são verdadeiros, imprecisos, enganosos, inconclusivos e/ou falsos. As checagens e publicações do coletivo podem ser acessadas no *site* próprio ou em seus perfis no Facebook, WhatsApp, Instagram e Twitter. Segundo o Bereia, em levantamento apresentado em 27/06/2020, os temas mais checados durante a pandemia são:

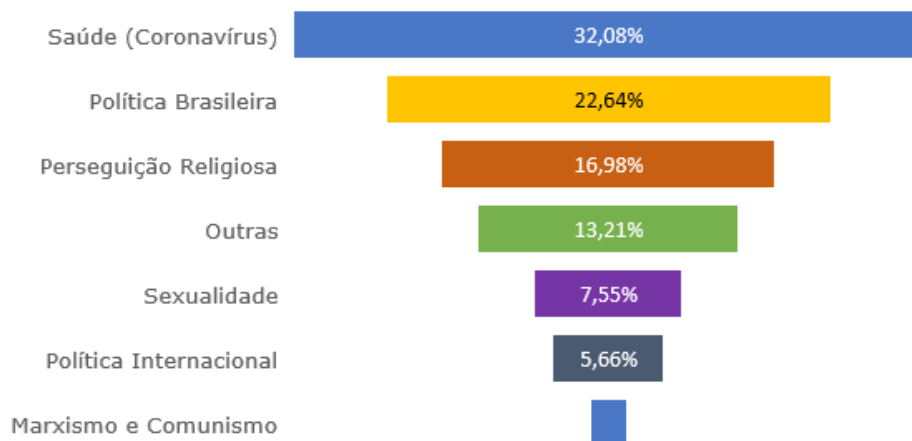
---

<sup>10</sup> MACEDO, Isabella. Das 123 *fake news* encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro. *UOL*, 2018. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

<sup>11</sup> Em uma reportagem intitulada “O exército de Pinóquios” publicada em 19 de abril de 2018 a Revista Época apontou o *site* de notícias evangélico “Gospel Prime” como o maior produtor e disseminador de *fake news* do país. Disponível em <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/04/o-exercito-de-pinoquios.html> Acesso em 01 jul 2020.

<sup>12</sup> CUIDADO com a *fake news* gospel. *Convenção Batista Brasileira*. Disponível em [http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART\\_ID=38](http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART_ID=38). Acesso em: 10, nov. 2020.

<sup>13</sup> PROPOSTA Bereia. *Bereia – Informação e Checagem de Notícias*. Disponível em <https://coletivobereia.com.br/proposta-bereia/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

**Figura 01:** Gráfico do percentual de checagem

Fonte: Coletivo Bereia (2020, *online*)

Um exemplo de *fake news* sobre o coronavírus, cuja checagem realizada pelo Bereia foi publicada em 25/06/2020, conclui que era enganosa a matéria do site Pleno News: **“Aliado: Sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos”**. Apesar de citar um estudo científico verdadeiro, a matéria apresenta informações falsas e distorcidas sobre a pesquisa, segundo concluiu a checagem.

Além de disseminar inverdades, as desinformações que tendem a circular pelo/no meio cristão, em geral, trazem raízes no fundamentalismo religioso. O negacionismo científico é um dos principais sentidos em circulação, por exemplo, a polêmica em torno da cantora *gospel* Fabiana Anastácio, vítima da COVID-19 em 04 de junho de 2020. Um dia depois da morte da cantora, circulou em um perfil no Facebook a frase “o coronavírus não atingirá a sua casa, porque quem guarda a sua casa é Jesus”. A publicação gerou bastante polêmica, sobretudo, entre o público evangélico que reagiu em diversas plataformas. O Coletivo Bereia checkou a informação e publicou o resultado em 11/06/20<sup>14</sup>:

**O Coletivo Bereia checkou as mídias sociais da cantora, de onde a publicação teria surgido e constatou que a existência da frase é verdadeira** e foi postada no Instagram de Fabiana Anastácio no dia 21 de março, **período em que os governos se mobilizavam para implantar o sistema de isolamento social como forma de conter o avanço da doença no país.** (Grifos do Coletivo Bereia).

O negacionismo científico durante a pandemia da Covid-19 foi bastante difundido pelo Presidente Jair Bolsonaro. O que, neste caso, considerando o apoio ao Presidente pela bancada evangélica e por outros representantes religiosos, trata-se de manifestações do fundamentalismo político-religioso. Essas manifestações negacionistas, em boa medida, resultam na circulação de *fake news*, como o caso do vídeo em que uma mulher afirma que o enxofre é a cura para o coronavírus.

Não é a receita milagrosa que chama a atenção nesse caso, pois nas redes sociais circulam inúmeras com vários tipos de alimentos. O que gerou a circulação do vídeo em diversas plataformas, a partir de 08 de junho de 2020, foi o fato da mulher, apoiadora do presidente, abordá-lo numa aparição para cumprimentar seguidores, cena bem comum durante a pandemia, encontrando apoio do governo para a difusão da receita. A mulher, que declara ter recebido informações do próprio Deus, foi do

<sup>14</sup> RODRIGUES, Elton e BISPO, Jemima. É verdade que Fabiana Anastácio negou o risco de ser infectada pela COVID-19. *Bereia – Informação e Checagem de Notícias*, 2020. Disponível em <https://coletivobereia.com.br/e-verdade-que-fabiana-anastacio-negou-o-risco-de-ser-infectada-pela-covid-19/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

Paraná a Brasília para apresentar a suposta cura ao Ministério da Saúde por indicação do Presidente Jair Bolsonaro. A seção Fato ou Fake do Portal G1 da Globo.com publicou, no dia 09/06/2020, a matéria “É #FAKE que enxofre destrua o coronavírus”<sup>15</sup>, apresentando declarações de especialistas que desmentem a informação da cura milagrosa da Covid-19 por enxofre.

## Considerações Finais

As manifestações com caráter medievalista - valorização de uma religiosidade mágica alinhada aos projetos políticos de lideranças cristãs - funcionam, para parcela dos religiosos, como mecanismo de controle: os cristãos que rejeitam ou não militam em tais manifestações tendem a ser mal vistos, na maioria das vezes, em seu círculo social, por apresentarem posicionamento que diverge das lideranças. Além disso, divulga-se a ideia de retribuição, como se apoiando e fazendo circular manifestações ultra tradicionalistas estivessem batalhando pela fé e, portanto, dignos de recompensa divina.

O projeto político conservador inconformado com as transformações do último século, no sentido da oficialização de conquistas feministas, de direitos civis, da humanização de minorias e outros avanços, encontra nos cristãos ultra tradicionais um terreno fértil para disseminação de seus ideais. Tudo isso atrelado à aceleração da capacidade de circulação midiática geram fenômenos que carecem de maiores observações e reflexão, tal qual as *fake news gospel*.

Nesse contexto, os discursos enraizados no fundamentalismo religioso que proliferam nitidamente no contexto da pandemia da Covid-19, sobretudo no cenário brasileiro, nos revelam novos aspectos do pensamento ultra tradicionalista que contribui na ascensão e manutenção de governos com tendências autoritárias e antidemocráticas. Assim, novas pesquisas com intuito de esmiuçar as relações entre fundamentalismo religioso e política se fazem necessárias. É preciso considerar de forma preponderante as reverberações desse entrecruzamento na produção de sentido, em parcelas dos evangélicos e dos católicos, sobre a mídia secular e a ciência identificadas nesse breve estudo como alvo de maior descrédito entre os religiosos.

## Referências

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. (Os Fundadores da USP, I). 7.ed. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BORGES, Helena. **O exército de Pinóquios**. Época, 2018. Disponível em <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/04/o-exercito-de-pinoquios.html>. Acesso em 01 jul 2020.

CARRANZA, Brenda. O Brasil, fundamentalista? **Revista Encontros Teológicos**, Ano 24, n. 52, p. 147-166, 2009.

---

<sup>15</sup> PENNAFORT, Roberta. É #FAKE que enxofre destrua o coronavírus. *G1*, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/06/09/e-fake-que-enxofre-destrua-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 10, nov. 2020.

COALIZÃO PELO EVANGELHO. **Pela Pacificação da Nação em Meio à Pandemia**. 4 mai. 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

COLETIVO BEREIA. **Proposta Bereia**. Bereia – Informação e Checagem de Notícias. Disponível em <https://coletivobereia.com.br/proposta-bereia/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Cuidado com a fake news gospel**. Disponível em [http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART\\_ID=38](http://convencaobatistabrasileira.com.br/siteNovo/pagina.php?ART_ID=38). Acesso em: 10, nov. 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do Púlpito às Mídias Sociais: Evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Prismas, 2017.

FAUSTO NETO, Antonio. AD. Rumos de uma nova analítica. In: FERREIRA, G. M., SAMPAIO, A. & FAUSTO NETO, A. (orgs.). **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 27-42.

MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro**. UOL, 2018. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Razón técnica y razón política: espacios/tempos no pensados. **Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação**, v.12, n. 23, p. 22-37, 2003.

**11 milhões de brasileiros acreditam que a Terra é plana, diz Datafolha**. *Istoé*, 2020. Disponível em <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997, p. 61-161.

PENNAFORT, Roberta. **É #FAKE que enxofre destrua o coronavírus**. G1, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/06/09/e-fake-que-enxofre-destrua-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 10, nov. 2020.

REDAÇÃO. **Seita responde por 73% de casos de Coronavirus da Coreia do Sul**. Veja, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/seita-responde-por-73-de-casos-de-coronavirus-da-coreia-do-sul/>. Acesso em: 10, nov. 2020.

RODRIGUES, Elton e BISPO, Jemima. **É verdade que Fabiana Anastácio negou o risco de ser infectada pela COVID-19**. Bereia – Informação e Checagem de Notícias, 2020. Disponível em <https://coletivobereia.com.br/e-verdade-que-fabiana-anastacio-negou-o-risco-de-ser-infectada-pela-covid-19/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. **“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm”**: Efeitos de sentido do processo de mediação da/na religiosidade pentecostal brasileira. MATOS, Rita de Cássia Aragão. (Orientadora). Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2017.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Organização e Introdução: H. H. Gerth e C. Wright Mills. 5ª edição. Tradução: Waltensir Dutra. Rev. Prof. Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

Recebido em 09/07/2020

Aceito em 10/02/2021

*Received 07/09/2020*

*Approved 02/10/2021*